

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPIRITO SANTO
CENTRO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS**

NELI APARECIDA MATTOS DE SOUZA MOURA

**LEITURA DE IMAGENS DA CIDADE: DESVELANDO OS OLHARES DE ALUNOS
PARA OS MONUMENTOS E AS PAISAGENS DE VITÓRIA**

**VITÓRIA
2015**

NELI APARECIDA MATTOS DE SOUZA MOURA

**LEITURA DE IMAGENS DA CIDADE: DESVELANDO OS OLHARES DE ALUNOS
PARA OS MONUMENTOS E AS PAISAGENS DE VITÓRIA**

Monografia apresentada ao Departamento
de Artes Visuais da Universidade Federal
do Espírito Santo para obtenção do título
de Licenciatura em Artes Visuais.
Orientadora: Prof^a Ma. Sonia Maria de
Oliveira Ferreira

VITÓRIA
2015

NELI APARECIDA MATTOS DE SOUZA MOURA

**LEITURA DE IMAGENS DA CIDADE: DESVELANDO OS OLHARES DE ALUNOS
PARA OS MONUMENTOS E AS PAISAGENS DE VITÓRIA**

Monografia apresentada ao Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito final para a obtenção do título de Licenciatura em Artes Visuais.

Aprovada em ____ de _____ de ____

Ma. Sonia Maria de Oliveira Ferreira
Orientadora

Profa. Ma. Dianni Pereira de Oliveira
Universidade Federal do Espírito Santo

Profa. Ma. Fabíola Veloso Menezes
Universidade Federal do Espírito Santo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 OBJETIVO	13
1.2 JUSTIFICATIVA	13
1.3 METODOLOGIA	15
1.4 REFERENCIAL TEÓRICO	16
2 REFLEXÕES SOBRE A ARTE EDUCAÇÃO E A LEITURA DE IMAGENS	19
3 LEITURA DE IMAGENS: A CIDADE DE VITÓRIA, OS MONUMENTOS E AS PAISAGENS.	23
3.1 Breve histórico de alguns monumentos	24
3.1.1. Índio Araribóia.....	26
3.1.2 .Entardecer – Dona Domingas	27
3.1.3. Escadaria Bárbara Monteiro Lindemberg	28
3.1.4. Alegorias das Quatro Estações	29
3.1.5. Menino com Delfim e Menina com Delfim	33
3.1.6. Monumento a Getúlio Vargas e a Carta Testamento	36
3.1.7. Monumento ao Trabalho.....	37
3.1.8 Monumento à Mãe.....	38
4 DIÁRIO DE CAMPO: APROXIMAÇÕES ENTRE PROFESSORES E ALUNOS.	40
4.1 História e memória da Cidade com alunos de Pedagogia	40
4.2 Uma aproximação entre alunos do Ensino Fundamental e os monumentos de Vitória	50
4.3 Um breve comparativo entre os olhares dos sujeitos: alunos de Pedagogia e do Ensino Fundamental II.....	57
5 CONCLUSÃO	63
REFERÊNCIAS	65
APÊNDICE 1 - Questionário Sobre Monumentos e Paisagens	68
APÊNDICE 2 - Questionário Sobre Visita	69
APÊNDICE 3 – Planejamento de Aula	70

Aos meus pais José Antônio e Anacelia,
meu irmão Antônio Tadeu e meu esposo
Alexandre que com muito carinho e apoio
me ajudaram e incentivaram a chegar até
esta etapa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus por me ajudar a chegar até aqui, por me conceder saúde e forças e me acompanhar não somente em minha caminhada acadêmica mas também em todos os momentos da minha vida.

Aos meus pais José Antônio e Anacélia pelo amor, carinho, incentivo, apoio, dedicação e ensinamentos que sempre me deram durante toda minha vida.

Ao meu irmão e amigo Antônio Tadeu que muito me ajudou durante minha caminhada acadêmica.

Ao meu esposo Alexandre que me apoiou, me ajudou e me incentivou nas horas difíceis de desânimo e cansaço e por compreender minha ausência dedicada aos estudos.

Aos meus avós maternos Arlindo e Neli (em memória) e paternos Antônio e Maria.

As minhas madrinhas e tias Anamélia e Agna e aos familiares que torceram por mim. Agradeço a minha querida e amável orientadora Ma. Sonia, pelo empenho, confiança, dedicação, suporte, paciência e incentivo durante a realização deste trabalho.

A professora Ma. Fabiola e a Ma. Dianni que além de terem sido professoras que muito contribuíram durante o curso me auxiliaram a construir este trabalho através da Banca de Qualificação.

As amigas Thays, Alice e Amanda.

As amigas que fiz na Biblioteca Central em especial Heloene, Fran e Fátima.

E a todos que contribuíram direta ou indiretamente durante minha formação acadêmica.

"Convém que o trabalho das crianças não seja uma simples cópia, é necessário que seja realmente a expressão de seu pensamento."

(Jean Ovide Decroly)

RESUMO

O presente trabalho se insere no contexto histórico cultural, abarcando a leitura de imagens da cidade como metodologia de pesquisa. A proposta perpassa pela fundamentação em Schütz-Foerte; Ferreira; Conti (2011), Barbosa (2008), dentre outros autores. Dentro desse contexto nossa intenção foi apresentar em sala de aula para alunos do Ensino Fundamental II, imagens fotográficas de alguns monumentos e paisagens da cidade de Vitória e também, levar alunos de Pedagogia a conhecer objetos arquitetônicos, artísticos e esculturas que fazem parte da paisagem da capital como forma de um desvelado olhar pela cidade em que vivemos. Para tanto, nosso questionamento inicial é comparar a apreensão das imagens e os olhares de alunos do fundamental II e dos futuros pedagogos, e se esses foram ampliados a partir da mediação em visita pela cidade e contextos em sala de aula.

Palavras-chave: Leitura de Imagens. Memória. Monumentos. Arte Educação.

LISTAS DE SIGLAS

EF – Ensino Fundamental

EEEFM – Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

LISTAS DE IMAGENS

Figura 1 - Índio Araribóia	26
Figura 2 - Entardecer: Dona Domingas	27
Figura 3 - Escadaria Bárbara Monteiro Lindemberg	28
Figura 4 - Alegoria da Primavera	30
Figura 5 - Alegoria do Verão	31
Figura 6 - Alegoria do Outono	32
Figura 7 - Alegoria do Inverno	33
Figura 8 - Menino com Delfim	34
Figura 9 - Menina com Delfim	35
Figura 10 - Monumento a Getúlio Vargas e a Carta Testamento	36
Figura 11 - Monumento ao Trabalho	37
Figura 12 - Monumento a Mãe	38
Figura 13 - Monumento a Mãe (antiga)	39
Figura 14 - Aluna A – Pedagogia	43
Figura 15 - Aluna B - Pedagogia	45
Figura 16 - Aluna C - Pedagogia	46
Figura 17 - Aluna C – Pedagogia	47
Figura 18 - Terceira ponte (noite)	48
Figura 19 - Exposição dos trabalhos	49
Figura 20 - Aluno D – 6° ano	53
Figura 21 - Aluno E – 6° ano	54
Figura 22 - Aluna F – 6° ano	56

1 INTRODUÇÃO

A partir da nossa inserção no curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo e a aproximação com algumas disciplinas que tinha como proposta a reflexão sobre a Arte, tivemos a experiência de fazer leituras de imagens contemplando monumentos na cidade de Vitória com prática em sala de aula. Isso nos despertou um interesse em pesquisar mais e conhecer os monumentos da capital. Estes, além de terem contextos, fazem parte da paisagem, e que muitas vezes são desprezados pelos transeuntes devido ao pouco tempo que têm em contemplar ou por desconhecimento da história e memória da cidade e do patrimônio histórico-cultural.

O interesse por este tema nasceu nas disciplinas de Linguagem Visual na Educação e FUPEA 2 (Fundamentos e Práticas do Ensino da Arte) em que a prática desta era propor uma atividade em sala de aula e, junto com mais dois colegas foram mostradas, numa turma do 9º ano de uma escola pública de Vitória, várias fotografias do Monumento Dona Domingas, uma escultura em bronze do artista Carlos Crepaz, localizada na Escadaria Bárbara Monteiro Lindemberg, que dá acesso ao Palácio Anchieta.

Propomos uma leitura de imagens para a turma e no decorrer da aula, alguns alunos levantaram a discussão que gostariam de ter acesso e conhecimento dos monumentos presentes em nossa cidade, visto que, há vários espalhados por ela e mesmo assim as escolas geralmente não despertam interesse em levá-los a conhecer de perto esses monumentos. Além disso, muitos alunos desconheciam a imagem apresentada, mesmo estando localizada em local de fácil acesso. Percebemos um grande interesse entre eles em saber mais e conhecer sobre isso. A partir dos alunos nesse interesse, que nasceu um desejo de como poderíamos trabalhar com eles com leitura de imagens da cidade, a partir de esculturas espalhadas por Vitória, despertando e desvelando olhares para as imagens, bem como do contexto no qual foram concebidas e postas em diálogo com a paisagem urbana da capital.

Sendo assim, esta pesquisa tem como proposta aproximar alunos do ensino fundamental II e alunos de Pedagogia da UFES (matutino) a essas imagens contidas na cidade e a paisagem, através da leitura, contextualização e o fazer artístico, eixos descritos por Ana Mae Barbosa em *Arte Educação no Brasil* (2010), *A Imagem no Ensino da Arte: anos 1980 e novos tempos* (2009), *Tópicos Utópicos* (1998) e *Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais* (2009).

Nossa pesquisa foi com o público do Ensino Fundamental II e com uma turma de Pedagogia que durante a realização do presente trabalho tivemos a oportunidade através da disciplina Arte Educação, de levar este último grupo a conhecer os lugares e obras em forma de visita para apreciarem a cidade e observarem os detalhes que comumente passam despercebidos. Assim, nosso desejo era despertar esse olhar para a cidade em que vivem, e quem sabe criando esse sentimento de pertença como sujeitos que participam da história e memória da cidade, ao mesmo tempo podendo tornar-se disseminadores para outros sujeitos, sejam familiares ou alunos, contribuindo, desse modo, para a preservação da cidade e dos objetos que a compõe.

Em vista disto, partindo do nosso desejo de pesquisa, encontramos a leitura de imagem, como forma de abordagem metodológica de aproximação, focando na cidade e seus elementos arquitetônicos e monumentos, levando em conta a arte como representação simbólica, como diz Pirollo

A arte como uma representação simbólica de um momento, de uma referência, de um contexto, procura transparecer um ideal, uma ideia, um conteúdo, uma informação, para quem a observa. Uma obra de arte pode ser apreciada e compreendida, ser considerada um instrumento para desencadear uma possível informação em um observador. Torna-se necessário refletir sobre o significado do termo informação no contexto da arte. Sendo a arte um processo de transferência da criação humana, [...] e, por sintetizar as emoções, a história, sentimentos e a cultura do homem, esse conceito pode ser considerado o conteúdo informacional da obra estética. (2011. p. 7).

Nesse contexto, partimos do entendimento de que a arte não é somente para a contemplação, é também uma forma de comunicar conhecimentos, sejam eles da história, da vida do artista envolvido na execução da obra e/ou também do período em que foi realizada sua produção. Há conceitos que podem ser explorados além do

feito do artista. O espectador passa a conhecer o que há por trás do trabalho, a intenção do artista, do arquiteto. Para tanto buscamos embasamento teórico nas obras de Ana Mae Barbosa, conforme anteriormente citadas, Analice Dutra Pillar em *A Educação do Olhar no Ensino das Artes* (2009), Rosa Iavelberg e Luciana Mourão Arslan em *Ensino de Arte* (2007), Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia* (1996) Maureen Cox (2010) em *Desenho da Criança* assim como outros teóricos.

No primeiro capítulo abordamos brevemente a Arte Educação no Brasil e assim como nosso foco é leitura de imagens, nos fundamentamos sobre leitura de imagens a partir dos conceitos, abarcando também outros teóricos para sustentação de nosso trabalho.

No segundo capítulo fazemos um breve histórico de alguns monumentos do Centro de Vitória, os quais foram levados para a prática em sala de aula para os alunos da Pedagogia e do ensino fundamental II.

No desdobramento do terceiro e quarto capítulo, apresentamos todo o processo do trabalho, da visita com a turma de Pedagogia e atividades em sala de aula e da atividade proposta no ensino fundamental II.

Posteriormente, apontamos os resultados e a conclusão do nosso trabalho.

1.1 OBJETIVO

O objetivo principal do nosso trabalho é fazer aproximação de alguns monumentos presentes no centro histórico da cidade de Vitória para alunos do ensino fundamental II e Pedagogia, com intuito de desvelar um olhar contemplativo para a cidade, bem como de aguçar a curiosidade em conhecer outros monumentos presentes em nossa cidade, partindo da leitura de imagens em sala de aula de forma que os discentes tenham uma aprendizagem que seja significativa para eles, transformando-os também em disseminadores de cultura. Como os alunos do ensino fundamental, podem levar o que aprenderam para a família, apresentando as imagens e paisagens da cidade, bem como os alunos de Pedagogia, que podem ampliar esses estudos e conceitos nas suas aulas, quando se tornarem professores (as).

1.2 JUSTIFICATIVA

No Brasil, geralmente o ensino de Arte nas escolas contempla os estudos de artistas e obras europeus. Até mesmo no curso superior de Artes Visuais Noturno da Ufes, tem-se apenas um período de História da Arte no Brasil e os outros cinco períodos de História da Arte, contempla as vanguardas, História da Arte Contemporânea e o ensino da arte da Europa. Portanto, entendemos que é importante os professores pesquisarem sobre artistas locais e incluir conteúdos de artes da realidade da comunidade em que seus alunos estão incluídos, a fim de inseri-lo no seu contexto local, possibilitando assim o contato direto com a arte.

Estamos cercados por tantas obras durante todo tempo e lugar no espaço em que vivemos, mas raramente nos damos conta de apreciar, nem sabemos o que significam para a cidade. Muitas vezes, não nos atentamos pelas produções artísticas que estão tão próximas de nós. Apresentar imagens de monumentos de Vitória em sala de aula pode ser uma forma de aproximar os alunos à história de alguns destes, presentes em nossa capital. Acreditamos que a leitura de imagem pode ser um caminho de vermos e analisarmos a obra, dentro de um contexto histórico. Dessa forma, além da contemplação, a fundamentação e o aprendizado

se constituem a partir dos registros históricos, das memórias, dos conceitos e da imagem por si só.

A análise da obra pode ser feita antes mesmo da contextualização histórica, e depois de uma leitura pessoal, após situá-la historicamente, os alunos poderão fazer sua própria leitura, com embasamento. Nosso entendimento é que eles após essas experiências e envolvimento poderão desenvolver um olhar mais poético sobre as obras, a cidade e suas memórias, sentindo-se inseridos nelas.

Para tanto acreditamos que dessa forma estimulamos o aluno a observar e fazer uma leitura pessoal da obra, interpretando a partir da contextualização dada pelo professor. Nesse prisma, Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia* (1996) descreve a importância do respeito à autonomia do aluno para que o mesmo possa dialogar com o professor e ambos troquem conhecimentos importantes na construção do aprendizado, onde o professor faz provocações aos alunos de modo que eles se posicionem e coloquem suas impressões diante do questionamento proposto pelo docente. Porém, segundo Schütz-Foerste et al (2011, p.12)

Para a escola brasileira tem sido um desafio possibilitar o acesso a cultura, desbravando fontes e objetos de estudo preservados nas manifestações que sobreviveram aos novos ritos do mundo contemporâneo. Assim, o pensar e o fazer pedagógicos devem articular a razão e a emoção, o científico e o filosófico, o psicológico e o social e todas as demais dimensões que possibilitem que o perceptivo, o sensível, o reflexivo e o criativo interajam no processo cognitivo.

A partir da citação percebemos que é um desafio trabalhar a cultura nas escolas. Algumas vezes é tratada de forma muito superficial, impossibilitando o aluno de interagir e construir seu repertório cultural de forma consistente e ampliar ainda mais seu aprendizado.

As visitas a espaços culturais às vezes são dificultadas, pelo espaço de tempo da aula de Artes, principalmente no ensino fundamental I e no ensino médio; no primeiro a justificativa para alguns professores é que neste nível escolar os alunos são menores o que dificulta levá-los a passeios. Já no Ensino Médio; o conteúdo de artes é voltado para a preparação do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) e o vestibular e as aulas são basicamente teóricas. Entendemos, porém que, levar

esses sujeitos a contemplar a cidade, desvelando o que eles possuem de memória pode ser uma motivação e forma de construir seus repertórios culturais, auxiliando também na interpretação de imagens e conceitos artísticos.

Nosso entendimento é que, como professores de Artes, podemos criar oportunidades e meios para que os alunos possam ter acesso à cultura e contato com obras de artes em sala de aula, para que assim possam habituar-se desde pequenos percebendo a importância das aulas de Artes e como essa vivência pode ampliar o olhar sobre as coisas do mundo. Nesse sentido, nosso questionamento busca compreender:

Como os alunos da Pedagogia e do segundo ciclo do ensino fundamental apreendem a história e memória dos monumentos da Cidade de Vitória, a partir de leitura de imagens?

1.3 METODOLOGIA

Nossa pesquisa tem como finalidade apresentar meios de como ampliar o repertório cultural de alunos, partindo da história e memória do lugar em que vivem, observando detalhes que comumente não veem. Os objetos artísticos espalhados pela cidade sejam monumentos, azulejos, grafite, têm elementos estéticos que podem servir de contemplação, marcados por um momento histórico e conceitos. Essa escolha nos leva a nos fundamentarmos nos escritos de Ana Mae Barbosa que abarcam a leitura de imagens, na contextualização e fazer artísticos, baseando-se na abordagem triangular como método. Tratamos também a abordagem qualitativa, buscando desse modo uma melhor qualidade nas aulas de Artes, bem como na formação cultural de sujeitos, que enquanto cidadãos, possam se apropriar desse conhecimento, tornando-se disseminadores desse aprendizado para outros.

Para tanto, nossa proposta perpassa pela abordagem qualitativa, pois nos ateremos no uso de questionários, diálogos e debates sobre o tema proposto em aplicação em

sala de aula. Segundo Flick

As subjetividades do pesquisador e daqueles que estão sendo estudados são parte do processo de pesquisa. As reflexões dos pesquisadores sobre suas ações e observações no campo, suas impressões, irritações, sentimentos e assim por diante, tornam-se dados em si mesmos, constituindo parte da interpretação, sendo documentados em diários de pesquisa ou em protocolos de contexto. (FLICK, 2004, p.22)

Diante da referência a respeito da pesquisa qualitativa, nota-se que o ponto de vista subjetivo é essencial neste tipo de pesquisa, e para nosso trabalho nos atrai muito, visto que o conceito e opinião que os alunos possuem diante das imagens que serão exibidas dos monumentos e paisagens são de extrema importância para nossa pesquisa. Ainda segundo Flick este método de pesquisa faz parte de um processo de produção com variedades de métodos e abordagens.

Baseamo-nos nesses autores, por acreditarmos que nossos diálogos se aproximam de suas pesquisas e essas podem nos ajudar a compreender melhor sobre as experiências realizadas. Considerações relevantes presentes na pesquisa serão tratadas nas considerações finais além dos resultados alcançados.

1.4 REFERENCIAL TEÓRICO

Para sustentarmos nosso trabalho, buscamos aportar em alguns autores para que possam dialogar conosco na busca de respostas ao nosso questionamento. Como Ana Mae Barbosa, em *A Imagem do Ensino da Arte: anos 1980 e novos tempos* (2009), sugere três eixos na leitura de imagens, a contextualização, a apreciação, e o fazer artístico que traz também a possibilidade de dialogar com os alunos, criando um olhar crítico sobre as imagens, levando a interpretação das mesmas.

A apreciação compreende o ver a imagem, fazendo sua leitura própria, antes ou após a contextualização e o fazer artístico é a forma que o expectador ou aluno tem de registrar o que entendeu do aprendizado adquirido da dinâmica proposta. Os três eixos não necessariamente se dão na ordem. Pode-se trabalhar o fazer artístico a partir de uma imagem, contextualizá-la e depois fazer uma nova leitura ou em outra ordem conforme a proposta do professor.

Em Tópicos Utópicos (1998), Ana Mae Barbosa retoma a metodologia, sugerindo como abordagem triangular, pois, a sugestão dela é que os professores não se acomodem, mas se fundamentem e não usem a metodologia ou abordagem como guia, serviria como um parâmetro para se trabalhar a leitura de imagens. Essa bibliografia nos trouxe o entendimento de que não se deve ater-se apenas em um método, ou guiar-se apenas em um autor. O importante é fundamentar-se e apropriar-se de alguns conhecimentos, ampliando o repertório, para se ter uma boa formação e saber conduzir melhor as aulas de Artes, com segurança.

Buscamos também em Gerda Margit SchützFoerste et al (2011), como podemos fazer uma leitura de imagens da cidade levando os conceitos de história e memória com pertencimento.

Almerinda Lopes (2009) traz em seu texto sobre o herói, uma possibilidade de leitura, entendendo não só a imagem como obra, mas toda a história que está imposta nela.

Para nos guiarmos com os sujeitos participantes da pesquisa, nos apoiamos também nos escritos de Uwe Flick (2004) que diz do método qualitativo ou abordagem qualitativa a qual pode amparar a pesquisa no que concerne a qualidade do ensino partindo da fala dos sujeitos que fazem parte da pesquisa como participantes. Flick em seu livro, “Introdução à Pesquisa Qualitativa”, diz que

a pesquisa qualitativa trabalha sobretudo com textos. Métodos para a coleta de informações – como entrevistas e observações – produzem dados que são transformados em textos por gravação e transcrição. Os métodos de interpretação partem destes textos. (FLICK, 2004, p.22)

Desta forma, a partir desta pesquisa, buscaremos através dos sujeitos participantes, coletar informações acerca do conteúdo abordado através de uma interpretação subjetiva estimulando-os a refletirem livremente sobre nossa proposta.

Além desses, outros autores complementam nosso trabalho, trazendo grandes colaborações como Rosa Iavelberg e Luciana Mourão Arslan que em seu livro Ensino de Artes (2009) reforça a importância da leitura de imagens.

Jacques Le Goff (2003) em “História e Memória” traz reflexões sobre monumentos, reforçando sua importância para a memória coletiva de um povo bem como o valor da preservação.

Maureen Cox (2010) em “Desenho da Criança” nos auxilia sobre o desenho das crianças, abordando características na faixa etária do nosso público e mostrando a importância do desenho para estes sujeitos.

Outro autor que nos atemos é Paulo Freire em Pedagogia da Autonomia (1996) que diz como o aluno pode ter uma postura crítica e diálogo com o professor, para que haja construção de conhecimento. E essa é nossa proposta, dar voz aos alunos, numa tentativa de ampliar seus repertórios imagéticos sobre a cidade em que vivem.

2 REFLEXÕES SOBRE A ARTE EDUCAÇÃO E A LEITURA DE IMAGENS

O ensino da Arte no Brasil com o passar do tempo sofreu algumas transformações. Segundo Uchoa “a precursora do ensino da arte no Brasil foi a Missão Francesa de 1816” (UCHOA, s.d). Algum tempo depois, por volta de 1826, foi criada a Academia Imperial de Belas Artes, em que o ensino era voltado para os interesses da corte portuguesa. Nesta, a instrução era uma remodelagem do modelo acadêmico Francês, com a utilização de cópias e retratos.

Em 1870, começa a dispor a importância do desenho geométrico nas escolas brasileiras, pois neste período devido à industrialização vê-se a necessidade de ensinar esta modalidade de desenho para capacitar a mão de obra.

De acordo com Barbosa, com o advento do modernismo, a arte passou a fazer parte de atividades extracurriculares, que era um ensino não formal voltado para crianças e adolescentes. Nesta fase os artistas modernistas seguiam o movimento expressionista fundamentado na livre expressão, em que o senso crítico e criativo era valorizado (BARBOSA, 2008). Diante disso, o ensino era voltado para a livre expressão do aluno, contrariando assim, o modelo acadêmico, ou seja, sem copiar e reproduzir o real.

Subsequente, na década de 1940, surgiram as Escolinhas de Artes com intuito também de continuar a valorização da liberdade de expressão. Todavia, existia uma liberdade no ensino, deixando as crianças e os adolescentes produzirem o que quisessem, sem criticarem a sua criação.

Na década de 1970 o regime da ditadura militar censurava os canais de informação e também a produção cultural. Todos estes meios eram controlados e somente o que interessava ao governo era transmitido para a população, de forma que o mesmo ocultava as barbáries ocorridas neste momento histórico.

Ana Mae Barbosa (2008, p. 8) diz que no ensino das artes não foi diferente, nas escolas os temas trabalhados também eram impostos, como desenhos que faziam referência a comemorações cívicas, religiosas, históricas entre outras. Desta forma,

reprimindo a expressão individual através da censura. Assim, o ensino da livre expressão, não interessava mais, pois estimulando aos alunos a livre expressão estes poderiam questionar o que estava ocorrendo no país.

Em 1973 com a lei 5692/71, houve uma reforma na educação e uma das mudanças foi que o ensino de Arte passou a se tornar obrigatória no currículo escolar em escolas primárias e secundárias (antigo 1º e 2º graus, atual Ensino Fundamental e Médio), recebendo a denominação de Educação Artística. Segundo Barbosa (2008. p. 10), “estes cursos formavam professores polivalentes os quais poderiam ministrar aulas de música, artes plásticas, artes cênicas e desenho”, o que não era apropriado, visto que a duração do curso era de apenas dois anos, muito curto para lecionar muitas aulas.

Finalmente, após várias lutas em 1996 a Lei de Diretrizes e Bases passou a considerar a Arte como disciplina obrigatória na educação básica.

Na década de 1980 o ensino da arte teve um importante avanço no Brasil. Nesse período Ana Mae estruturou a Abordagem Triangular a qual permeia as metodologias para o ensino de Arte, criando uma grande ascensão na forma de ensino desta disciplina. Esta abordagem teve grande importância, pois promoveu o trabalho com o uso de imagens interpretando-as em conjunto com a expressividade do aluno.

Segundo Barbosa (2010) a Abordagem foi designada como Metodologia Triangular nos anos 1980, porém, passou a ser chamado de Abordagem Triangular, pois este termo é mais flexível e método é algo que deve ser seguido, limitando ao professor de ampliar seu repertório.

A abordagem começou com a necessidade de realmente entender a arte, pois como vimos anteriormente em uma época do ensino os alunos ficavam livres em suas atividades, sem sequer questionar o que faziam. Ela ajudou no sentido de ampliar o conhecimento, desenvolver a criatividade e aguçar a curiosidade dos alunos a partir de três eixos: leitura da obra, contextualização e fazer artísticos, estes não

necessariamente nesta ordem, mas sim, da forma que o professor entender que pode ser o mais adequado no momento.

A leitura da obra é apoiada no conhecimento de cada educando o qual cada um interpreta a mesma com o conhecimento prévio adquirido. Neste caso, não existe certo ou errado diante das interpretações da produção artística. O objetivo é que cada um fale criticamente o que estão observando, os aspectos formais da imagem, a técnica, o que observam.

A contextualização segundo Flausino apud Barbosa,

[...]não se refere apenas à apresentação do histórico da obra e do artista, o que se pretende é pôr a obra em contexto que faz produzir sentido na vida daqueles que a observam, é permitir que cada um encontre, a partir da obra apresentada, seu devir artista. (FLAUSINO APUD BARBOSA, 2008, XXXIV)

Neste sentido, a contextualização não necessariamente tem-se que limitar a história da obra e a vida do artista, mas também, inserindo as informações contidas nela a fim de fazer sentido para a vida do sujeito que está diante da imagem.

O fazer artístico refere-se à produção do sujeito diante da experiência durante o processo de leitura de imagens e contextualização, criando um trabalho artístico com um olhar subjetivo e não uma reprodução, nem cópia do que foi observado. Analice Dutra Pillar discorre que

[...] a cópia diz respeito ao aprimoramento técnico, sem transformação, sem interpretação. Já na releitura há transformação, interpretação, criação com base num referencial, num texto que pode estar explícito ou implícito na obra final. Aqui o que se busca é a criação e não a reprodução.(PILLAR , 2003, 18)

Ana Mae Barbosa foi aluna de Paulo Freire e com ele aprendeu a não seguir o modelo de cópias e sim, reconstruir ideias a partir da realidade, com a cultura a qual estavam inseridos exigindo a autonomia e criticidade dos educandos. Paulo Freire não trabalhou diretamente com o ensino de artes, porém seus ensinamentos foram importantes para todas as áreas de ensino.

Nesse contexto, Bredariolli diz que

[...] a alfabetização defendida por Ana Mae Barbosa se realiza pelo exercício de “leitura” como análise crítica articulada ao contexto. Esse seria o caminho para o exercício e desenvolvimento de um “olhar ativo” sobre o mundo e para as imagens que o constituem. Nesse sentido o aluno é considerado leitor, interprete e autor”. (BREDARIOLLI, 2010. p.35)

Assim, entendemos que o educando participa ativamente e criticamente do processo abordado. Em que ele visualiza e lê a imagem, pensa e interpreta sobre e também experimenta através da criação artística não copiando e sim, exercitando a sua expressão no fazer artístico.

Logo, acreditamos que o professor pode aguçar a curiosidade e interesse dos alunos, aproximando obras artísticas localizadas próximas à escola, sendo através de leitura de imagens por meio de reproduções e/ou por meio de visitas aos locais onde elas estão dispostas. É importante ressaltar que as mediações fora da escola podem levar os alunos a novas experiências e ao mesmo tempo ampliar os discursos fora das quatro paredes do âmbito escolar. Nesse sentido, essas podem transformar o conhecimento e podem agregar novos valores para os alunos.

3 LEITURA DE IMAGENS: A CIDADE DE VITÓRIA, OS MONUMENTOS E AS PAISAGENS.

A cidade de Vitória, capital do Espírito Santo, possui mais de oitenta monumentos espalhados pelo município, são obras de artes localizadas ao ar livre cuja população tem acesso. Estas obras são claramente uma demonstração de história a céu aberto, entretanto muitas vezes não percebemos, nem tampouco conhecemos sua história e significados. Além de fazer parte da paisagem da capital, elas foram realizadas para perpetuar e também contar um pouco da história da cidade.

De acordo com Choay, “[...]o sentido da palavra monumento, vem do termo latim *monumentum*, derivado da palavra *monere*, que significa advertir, lembrar, aquilo que traz alguma coisa”, ou seja, reviver o passado através de uma representação simbólica”. (CHOAY, 2001, p.17). O monumento é muito importante, pois são heranças do passado de um povo.

Ainda sobre monumentos, destacamos o que diz o historiador francês, JACQUES LE GOFF

[...] monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação. E pode se especializar em dois sentidos: [...] 1) uma obra comemorativa de arquitetura ou de escultura: arco de triunfo, coluna, troféu, pórtico, etc.; 2) um monumento funerário destinado a perpetuar a recordação de uma pessoa no domínio em que a memória é particularmente valorizada: a morte. (2003, p. 536).

Assim como os autores acima descrevem, para Alois Riegel (2014), “(...) entende-se uma obra criada pela mão do homem e edificada com o objetivo preciso de conservar sempre presente e viva na consciência das gerações futuras a lembrança de um ato ou de um destino”.

Portanto, diante das colocações supracitadas, entendemos que o monumento representa algo que faz recordar algum fato importante, por exemplo, podendo ser para a cidade a qual está localizado, um feito histórico, cotidiano, fazendo parte da memória coletiva da cidade.

Grande parte dos monumentos escultóricos são feitos de materiais resistentes,

como o bronze, além do pedestal. De acordo com Calabrese apud Lopes (2011, p.301) “os bronzes eternizam os heróis” e “atestam a sua indestrutibilidade” o que os torna resistentes a qualquer ação do tempo pelo fato da rigidez e durabilidade deste material. Sendo assim, os monumentos conservam-se por muitos anos.

Outro elemento muito importante nos monumentos escultóricos é o pedestal, que é elaborado com material resistente. Geralmente, para sua construção usa-se o granito, um tipo de rocha rígida com a finalidade de elevar a obra, fazendo com que esta tenha um caráter importante, expressando a imponência do retratado.

Alguns monumentos localizados na região central da cidade de Vitória possuem estas características acima citadas, fazendo parte da paisagem. Mesmo diante de várias transformações ocorridas na capital, estes, permanecem presentes fazendo parte da história e memória da cidade. Alguns com marcas deixadas pelo tempo, com os desgastes acometidos pela maresia, pelos vândalos, que muitas vezes não entendem ou não tem esse apego pela história ou pela obra em si. Mesmo assim, estes monumentos compõem os espaços trazendo a tona histórias de um momento, ou do lugar onde estão expostas. Levar alunos a observar esses objetos, contemplando a partir de contextualização histórica, é situá-los no contexto/espço vendo as mudanças ocorridas pelos anos e como estas participam da paisagem, compondo detalhes ora não percebidos. Muito além das personalidades, com bustos ou corpo inteiro, contém alegorias e esculturas contemporâneas, que discutem conceitualmente essa conversa com a cidade e com quem passa por ela todos os dias. Aguçar esse olhar poético é ampliar conceitos, resgatar histórias e preservar as memórias.

3.1 Breve histórico de alguns monumentos

A partir da contextualização anterior, para situarmos o nosso trabalho, faremos um breve panorama histórico de alguns monumentos espalhados pela cidade de Vitória, que compõem sua paisagem. Estes fazem parte do conteúdo programático para prática em sala de aula, com o intuito de dialogarmos com os alunos de Pedagogia e do Ensino Fundamental sobre a importância destes para a cidade, fazendo leituras

de imagens dessas obras, numa aproximação da história e memória contida nelas, a fim de ascender o desejo de preservar não somente a obra, mas o que está impregnada nelas, pois para elaborar um monumento não é apenas uma construção, tem o pensar, o refletir, o esboçar, o conteúdo histórico, o objetivo da construção, a materialidade, e por fim o fazer.

Desse modo, acreditamos que todos esses processos discutidos e refletidos na sala de aula são importantes ferramentas para o aprendizado, ampliando os olhares para coisas e fatos que muitas vezes não nos damos conta, ou pela pressa em que os transeuntes passam pela cidade. Pelo costume de ver esses objetos, já que compõem a paisagem passando despercebidos ou por desconhecerem cada monumento e suas particularidades históricas. Nossa intenção é ser mediador desse processo de ensino para despertar a importância que os monumentos possuem.

Destacamos alguns monumentos como o Índio Araribóia; Entardecer: Dona Domingas; Escadaria Bárbara Monteiro Lindemberg, Alegorias das Quatro Estações, Menina com Delfim e Menino com Delfim, Monumento a Getúlio Vargas e a Carta Testamento, Monumento ao Trabalho e Monumento à Mãe.

3.1.1. Índio Araribóia



Figura 1 - Índio Araribóia

Fonte: arquivo pessoal

A escultura em questão é de um índio, também chamado pelo povo capixaba de Araribóia (figura 1), que segundo Procópio “é um nome indígena que significa Cobra Feroz ou Cobra das Tempestades.” (PROCÓPIO, 2011, p. 99).

Este monumento é uma escultura em bronze com pedestal de pedra com características clássicas, geralmente uma marca do artista Carlo Crepaz.

Após ter permanecido em outros locais, desde 2014, depois de restaurado, encontra-se localizado nas dependências do Clube Saldanha da Gama na Avenida Marechal Mascarenhas de Moraes, conhecida também como Avenida Beira Mar. A atual localização se deve para preservá-lo de vandalismo, tendo em vista que o mesmo já sofreu muitas depredações, como pichações e teve partes da obra arrancadas. Pelo fato de ter mudado diversas vezes de local, a população questionou estes constantes deslocamentos, fazendo assim com que o índio

retornasse ao seu local de origem. Neste caso, percebemos que a população, mesmo não dando conta das imagens, percebe as mudanças e sente falta daquele pedaço que falta da paisagem. E assim há certa importância para muitos, que a tem como parte de sua memória.

A localização da imagem é histórica, de acordo com Procópio (2011, p. 228) “Há indícios de que a localização do Índio se deve ao fato de estar protegendo a entrada da Baía contra invasores e a sociedade se reconhece nesse discurso”.

3.1.2 .Entardecer – Dona Domingas



Figura 2 - Entardecer: Dona Domingas

Fonte: arquivo pessoal

Monumento também de autoria do artista Carlo Crepaz, a escultura da Dona Domingas (figura 2) possui as mesmas características da escultura do Índio (figura

1), realismo, obra feita de bronze e um pequeno pedestal. Localizada na Avenida Jerônimo Monteiro, mais precisamente na Praça Presidente Roosevelt, lateral da Escadaria Bárbara Lindenberg (figura 3), a qual dá acesso ao Palácio Anchieta.

De acordo com Faria (1992, p.105), Dona Domingas foi uma catadora de papel que vivia perambulando pelas ruas de Vitória com um cajado nas mãos e carregava um saco nas costas, provavelmente com objetos que catava. Era uma senhora negra bem ranzinza e parecia com um homem, devido as suas feições físicas. Dizia ter sido escrava e era bastante respeitada.

Além disso, a estátua em questão é uma representação de uma figura comum que foi perpetuada em nossa memória depois de ter falecido e ganhou uma homenagem.

3.1.3. Escadaria Bárbara Monteiro Lindemberg



Figura 3 - Escadaria Bárbara Monteiro Lindemberg

Fonte: arquivo pessoal

Após a proclamação da República em 1889, o Brasil passou por grandes

transformações e a modernização começou a vigorar. A cidade de Vitória seguiu o mesmo caminho e foi uma das que iniciaram o processo de modernização. O presidente do estado que realizou uma grande mudança na cidade foi Jerônimo Monteiro, que governou o estado entre 1908 a 1912. Conforme Chayder, este novo governo realizou grandes mudanças como saneamento básico, água encanada, limpeza pública, iluminação e obras de aterro, esta com finalidade de conter as inundações e enchentes devido às cheias da maré. (CHAYDER, 2002, p. 90). Diante desta colocação, entendemos que na cidade de Vitória não havia muitos recursos nesta época da história e que o governador modernizou a cidade. Com as obras de aterro, a paisagem de Vitória começou a sofrer transformações deixando a imagem colonial para trás e passando a imagem de uma cidade moderna.

Fontes foram construídas, a escadaria Bárbara Monteiro Lindemberg (figura 3) hoje conhecida como escadaria do Palácio foi construída em 1912, junto com a reforma do Palácio Anchieta, sede do governo do Estado, que anteriormente era o colégio dos jesuítas. Com a escadaria, foram inseridos na mesma época conjuntos escultóricos, sendo quatro alegorias e duas fontes.

3.1.4. Alegorias das Quatro Estações

Dentre as esculturas presentes na Escadaria Bárbara Monteiro Lindemberg, encontram-se um conjunto escultórico de alegorias¹ conhecido como “As quatro estações”, que são a “Alegoria da Primavera” (figura 4), “Alegoria do Verão” (figura 5), “Alegoria do Outono” (figura 6) e “Alegoria do Inverno” (figura 7), estas que representam as quatro estações do ano. Tais esculturas, feitas de mármore carrara, foram realizadas por Pedro Gianordoli e inauguradas em 1912.

¹ Alegoria – Grego *allegoria*, outro discurso. Etimologicamente, a alegoria consiste num discurso que faz entender outro, numa linguagem que culta outra. Pondo de parte as divergências doutrinárias acerca do conceito preciso que o vocábulo encerra, podemos considerar alegoria toda concretização, por meio de imagens, figuras e pessoas, de ideias, qualidades ou entidades abstratas. O aspecto material funcionaria como disfarce, dissimulação ou revestimento, do aspecto moral, ideal ou ficcional. Massaud, MOISES. **Dicionário de termos literários**. 3.ed. – São Paulo: Cultrix, 1982.



Figura 4 - Alegoria da Primavera

Fonte: arquivo pessoal

Conforme podemos observar nas figuras, cada alegoria carrega uma característica de cada estação do ano e possuem pedestal. A alegoria da Primavera (figura 4), localizada no terceiro patamar da escadaria do lado esquerdo está coberta provavelmente por um tecido, seus cabelos estão presos, a expressão facial é seria e traz flores nas mãos, representando a primavera.



Figura 5 - Alegoria do Verão

Fonte: arquivo pessoal

A alegoria do Verão (figura 5) está posicionada no terceiro patamar da escadaria, no lado direito da mesma. Ela traz ramos de trigo na mão esquerda e uma ceifadeira na mão direita. Os cabelos são curtos e na expressão facial existe um leve sorriso em seu rosto que está frontal. Também está coberta por um tipo de tecido em seu corpo com os braços à mostra.

Concentrada no quarto patamar da escadaria, no lado direito, a Alegoria do Outono (figura 6) carrega frutos nas mãos, certamente uvas na mão direita e uma espécie de cálice na mão esquerda. Está vestida por um tecido e com os braços e ombros a mostra e cabelos presos cobertos com um adorno com frutos. O rosto está frontal e possui um leve sorriso na sua expressão.



Figura 6 - Alegoria do Outono

Fonte: arquivo pessoal

A Alegoria do Inverno (figura 7) está localizada à esquerda da escadaria, no quarto patamar. É coberta por um manto por todo o corpo, os cabelos são presos. Seu rosto está com uma inclinação à direita e a expressão facial é séria, sem presença de sorriso.

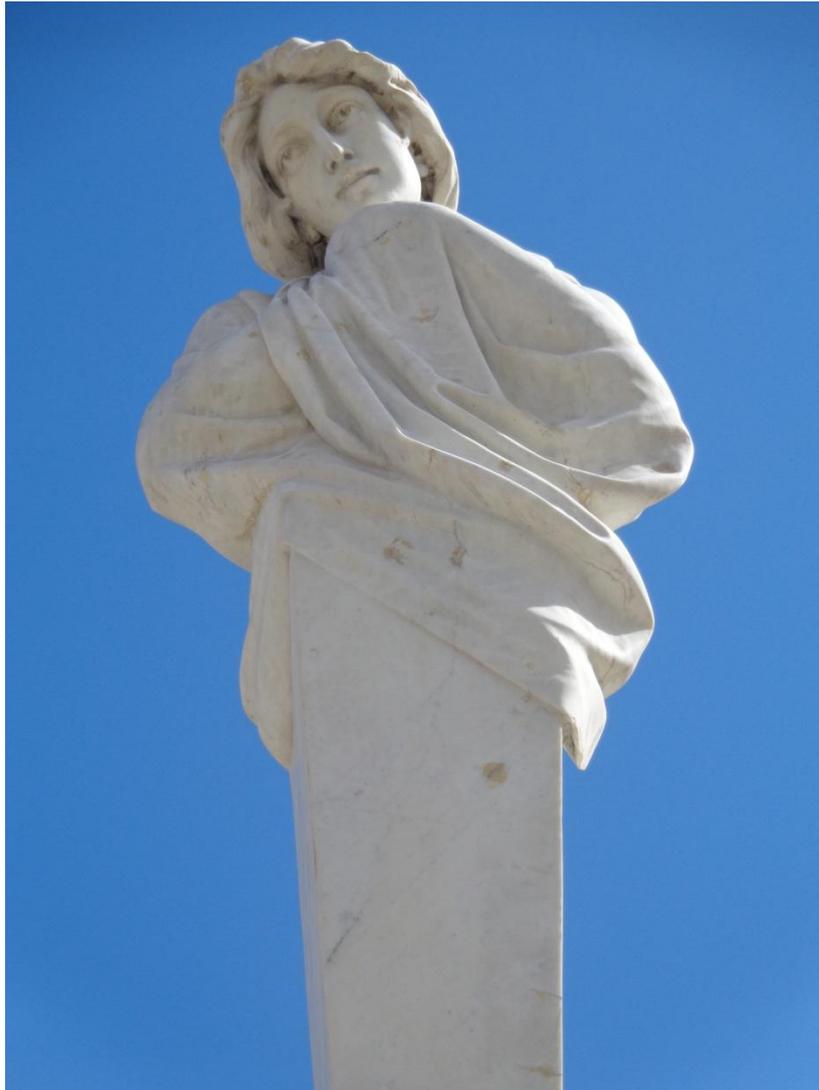


Figura 7 - Alegoria do Inverno

Fonte:arquivo pessoal

3.1.5. Menino com Delfim e Menina com Delfim

Também integrantes do conjunto escultórico da escadaria, o monumento Menino com Delfim (figura 8) e Menina com Delfim (figura 9), são esculturas que ficam dentro de fontes presentes na escadaria, atualmente, as fontes não funcionam mais, porém, explicando uma colocação de Archmé, na época de sua inauguração estas fontes foram colocadas para mostrar que a partir daquela época, Vitória possuía água encanada e infra- estrutura.



Figura 8 - Menino com Delfim

Fonte: arquivo pessoal

O Menino com Delfim (figura 8) está localizado no centro do primeiro patamar da escadaria, dentro de uma antiga fonte revestida por pedras. É uma representação de um menino sem roupas com cabelos curtos e sorrindo, sentado em um Delfim². Com a mão direita o menino abre a boca do animal e com a mão esquerda segura a calda do mesmo.

² Gênero de mamífero cetáceo, tipo da família dos delfínídeos, que vive aos grupos em todos os mares. **Dicionário Aurélio.**



Figura 9 - Menina com Delfim

Fonte: arquivo pessoal

A Menina com Delfim (figura 9) está localizada no centro do terceiro patamar da escadaria, dentro de uma antiga grande fonte. É uma representação de uma menina nua sentada em um Delfim. Sua mão esquerda abre a boca do animal e a direita segura a calda. Possui cabelos presos por um coque e um leve sorriso em sua expressão facial.

Vale ressaltar que esses monumentos aqui abordados, passaram recentemente por um processo de restauração. “O cuidado com a recuperação das estátuas se dá pelo valor histórico-cultural que apresentam para o Estado” (ARCHMÉ, 2014).

3.1.6. Monumento a Getúlio Vargas e a Carta Testamento



Figura 10 - Monumento a Getúlio Vargas e a Carta Testamento

Fonte: arquivo pessoal

Localizado na Avenida Beira Mar, precisamente na Praça Getúlio Vargas, o Monumento (figura 10) feito de bronze e pedestal de granito, foi executado, conforme Procópio (2011, p.111) pelo escultor Leonardo Lima, por volta de 1955. É uma representação do ex-presidente do Brasil, que atuou por dois mandatos sendo o primeiro mandato entre 1930 a 1945 e o segundo mandato entre 1951 a 1954.

Omar Calabrese (2011, p.301), traz novamente “os bronzes eternizam os heróis” ou seja, neste caso, Getúlio Vargas. Ele ficará na memória do povo, pois está representado de um material resistente que dura por muitos anos.

3.1.7. Monumento ao Trabalho



Figura 11 - Monumento ao Trabalho

Fonte: monumentos capixabas

Uma homenagem feita ao engenheiro Pedro Augusto Nolasco, um dos idealizadores da EFVM (Estrada de Ferro Vitória a Minas) Este monumento ao trabalho (figura 11) feito de bronze e pedestal de granito, representado por um homem trabalhador braçal, com o tronco nu, segurando na mão esquerda um martelo e na direita uma talhadeira fazendo movimentos de construção do seu próprio corpo, o trabalho humano mais difícil de realizar.

Assim como o Índio (figura 1), este monumento teve outras localizações e atualmente, encontra-se localizado na Praça Ubaldo Ramalhete Maia, na Rua Coutinho Mascarenhas.

3.1.8 Monumento à Mãe



Figura 12 - Monumento à Mãe

Fonte: arquivo pessoal

Diferente dos monumentos anteriormente citados, o Monumento à Mãe (figura 12), do artista Maurício Salgueiro é uma obra abstrata e contemporânea feita de ferro, realizada na década de 1970.

A presente obra representa o útero materno e a ligação entre mãe e filho. É composta pelas correntes retorcidas sendo uma grande e duas menores que ligam, a representação do feto, que está apresentado por ferros em formatos geométricos. Formada de um semiarco que compõe a obra, percebemos que a produção possui uma configuração de barriga em gestação.

Este monumento encontra-se na Praça Costa Pereira localizado dentro de um antigo

lago (figura 13), que representava o líquido amniótico, que atualmente está seco.

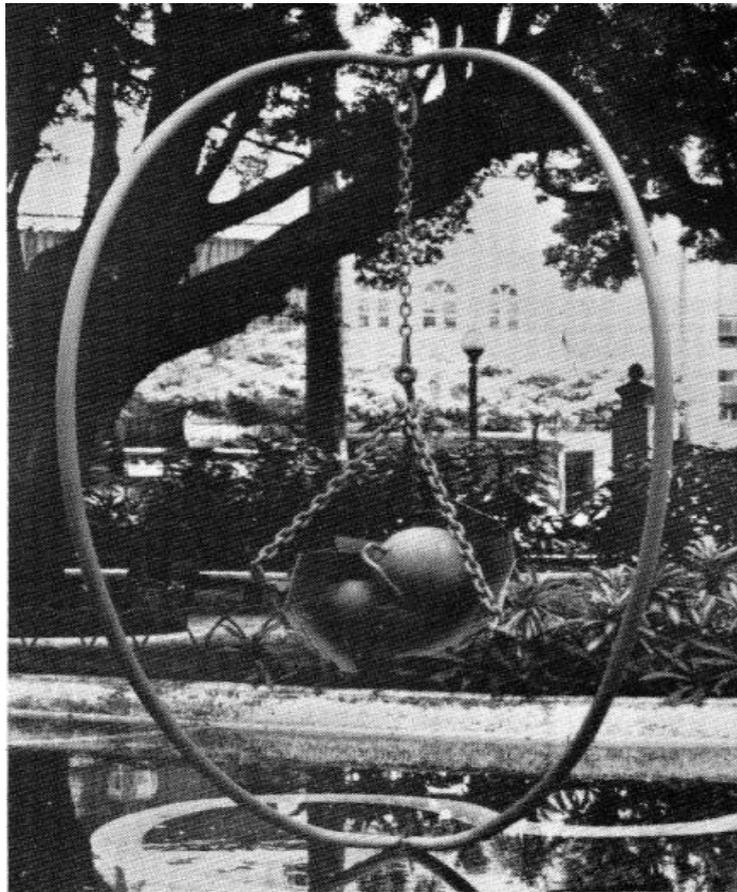


Figura 13 - Monumento a Mãe (antiga)

Imagem extraída do catálogo dos monumentos históricos

Diante das obras aqui abordadas, observamos que, mesmo diante das transformações sofridas na cidade, estas continuam fazendo parte da paisagem e participando das mudanças, mas, mesmo assim, seu sentido e sua representação permanecem.

4 DIÁRIO DE CAMPO: APROXIMAÇÕES ENTRE PROFESSORES E ALUNOS

A pesquisa que realizamos ocorreu com uma turma de Pedagogia matutino do 1º período 2014/1 da UFES – Campus Goiabeiras, com um grupo de aproximadamente 30 (trinta) alunos.

A segunda experiência ocorreu com uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental de uma EEEFM, localizada em Vitória, na região da grande Santo Antônio, com um grupo de 19 alunos.

4.1 História e memória da Cidade com alunos de Pedagogia

Os encontros com a turma de Pedagogia foram realizados em três momentos. No primeiro apresentamos aos alunos imagens de monumentos do centro de Vitória, a paisagem, bem como as transformações ocorridas na cidade, a localização dos mesmos e levá-los a conhecer as características e história de cada monumento apresentado, através da leitura de imagens.

Para entendermos o termo, Pillar apud Helena Martins (2003, p. 11) explica que a palavra “leitura” tem em seu significado “(a) leitura como decodificação mecânica; (b) leitura como um processo de comunicação”. Entende que

Ler uma obra seria, então, perceber, compreender, interpretar a trama de cores, texturas, volumes, formas, linhas que constituem uma imagem. Perceber objetivamente os elementos presentes na imagem, sua temática, sua estrutura [...] uma leitura se torna significativa quando estabelecemos relações entre o objeto de leitura e nossas experiências de leitor (1999, p.15).

Ao buscarmos apresentar os monumentos e paisagem aos alunos, compreendemos o que dizem os autores que nos fundamentam sobre ler imagens, deixando fluir o olhar do aluno sobre a obra, ou nesse caso também das paisagens da cidade, para que depois possamos dialogar em sala de aula sobre o que viram. A leitura de imagens pode ser dada em contexto em sala de aula, mas também pode se

estender além dos muros da escola. Essas experiências acabam sendo enriquecedoras não só para o aluno, mas para o professor também.

Freire, citado por Pillar (2003, p. 14) discorre ainda sobre o ato de ler ou de aprender a ler, que para nosso entendimento ultrapassa o visual e o verbal. Concordamos com ela quando diz que “[...] aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade” (2003, p. 14).

Como contextualizamos temas que podem ser trabalhados por esses futuros professores, tendo a cidade em que vivem como tema, acreditamos que essa experiência foi válida, pois alguns deles não sabiam da existência da maioria dos monumentos citados, tampouco da história e contextos deles.

Ao final, distribuímos um questionário referente ao encontro e após seu preenchimento, solicitamos que realizassem uma releitura de um monumento apresentado.

Nesse caso, entendemos releitura não como cópias do que viram, mas do que interpretaram a partir da contextualização dada, e dos olhares pela cidade. Como ler significa compreender códigos em imagens ou signos (que podem ser palavras ou textos); aqui, buscamos uma forma de entender o que os alunos compreenderam do que foi dito, e como interpretam e registram subjetivamente. De acordo com Barbosa (2009, p. 32) é preciso alfabetizar as crianças para a leitura de imagens para que essas possam decodificá-las. Desta forma a criança possivelmente passará a olhar a obra de forma subjetiva.

A releitura, segundo Pillar é bem diferente de cópia, como citado no capítulo I “[...] cópia diz respeito ao aprimoramento técnico, sem transformação, sem interpretação, sem criação” (2003, p. 18). Trabalhar esse conceito mostrando a diferença entre interpretação da imagem e cópia com alunos de Pedagogia achamos que foi muito importante, pois acreditamos que pudemos de alguma forma, mudar os conceitos preestabelecidos de que apresentar uma imagem de obra de arte em sala de aula e pedir que façam igual ao que estão vendo é releitura.

Nesse sentido, a releitura entrou como forma de interpretar e transformar o que foi lido, criando algo novo.

Entregamos aos alunos um questionário com nove perguntas³ e o que nos chamou atenção foi que apesar da maior parte dos alunos já terem visto um ou mais monumentos, poucos conheciam a história, alguns por residirem há pouco tempo no estado e outros por desconhecimento. Grande parte destes estudantes sugeriram trabalhar em sala de aula através de projetos, visitas e mostrar que estes fazem parte da história da cidade, explicando a importância que possuem para cultura, criando também uma consciência de preservação, pois sabendo a história e o valor que existe, provavelmente haverá maior conscientização.

Apresentamos algumas imagens, explicitando a história e memória de cada uma delas em forma de slides (powerpoint). As escolhidas foram o Índio Araribóia, Dona Domingas, Escadaria Bárbara Monteiro Lindemberg, bem como os conjuntos escultóricos presentes, Monumento à Getúlio Vargas e a Carta Testamento, Monumento ao Trabalho e o Monumento à Mãe, conforme descritos no capítulo anterior. Após a explanação e reconhecerem alguns deles, pedimos que fizessem um desenho que representasse a maternidade, o momento da gestação, de como concebiam, a partir da última imagem apresentada que era o “Monumento à mãe”.

A princípio ficaram apreensivos, diziam que não sabiam desenhar, que não saberiam fazer, mas aos poucos, com um pouco de incentivo, conseguiram realizar o desenho. De acordo com Cox (2010, p. 6), geralmente os adultos sentem dificuldades em iniciar algum desenho alegando não saber ou não desenhar bem, criando desculpas para não o fazer.

A partir do momento em que os desenhos iam surgindo, fomos percebendo que além da leitura da imagem apresentada, cada sujeito tem sua história e uma concepção pessoal sobre a maternidade, ou a palavra “mãe”, ou o que ela representa.

³ Apêndice 1

Partimos do pressuposto, como diz Pillar que

[...] nosso olhar não é ingênuo, ele está comprometido com nosso passado, com nossas experiências, com nossa época e lugar, com nossos referenciais. Não há dado absoluto e não se pode ter uma única visão, uma só leitura, mas se deseja lançar múltiplos olhares sobre um mesmo objeto. (2003, p. 16)

Assim, nesse exercício do olhar, cada aluno representou a figura da mãe de uma forma. Um bom exemplo é a imagem abaixo (figura 14), onde a aluna registrou a figura da mãe gerando a cidade de Vitória.



Figura 14 - Aluna A – Pedagogia

A aluna A, não se preocupou em copiar a imagem que mostramos do Monumento à Mãe e sim, usou sua subjetividade, alcançando o objetivo da nossa proposta. Percebemos que ela representou o corpo de uma mulher, com o seio à mostra, e a cidade representada na barriga, o que ela gerará. O interessante é que a escultura exposta na praça representando a gestação, supomos que faz parte do contexto do lugar, a praça como o coração da cidade, que abriga pessoas em seu interior, nos encontros, no descanso do almoço, até mesmo como moradia para moradores de rua.

Desse modo, entendemos que fez uma leitura subjetiva, mostrando talvez a importância que a cidade de Vitória representa para ela. No ventre, representa a ponte, a praia, o monumento e a árvore. Usou o azul, o verde, o vermelho, sem termos ditado como era para fazer, apenas pedimos que desenhassem. Poderia ser de grafite, de tinta, caneta, ou lápis de cor. Apenas sugerimos o tema.

A segunda imagem (figura 15), a aluna B buscou representar a figura materna como sendo tudo em sua vida, a própria aluna citou “Minha mãe representa tudo para mim, tudo que representa a vida” e no desenho ela simbolizou a figura do sol, estrela, flores e coração compondo uma figura materna. Usou apenas lápis grafite, porém, assim como a aluna anterior, não copiou e sim foi bastante subjetiva criando um desenho do que a figura da mãe representa para ela.

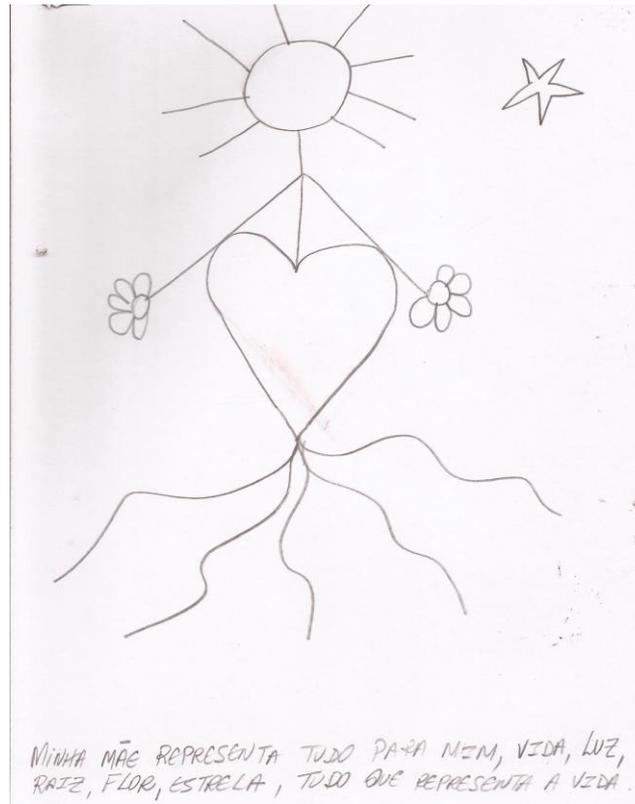


Figura 15 – Aluna B - Pedagogia

Observamos que seu registro imagético traz a tona a importância grandiosa que a figura materna figura em sua vida, tendo em vista os elementos utilizados para compor seu desenho, pois todos estes refletem uma grande importância para o ser humano.

Outra imagem que nos chamou atenção foi da aluna C (figura 16), que utilizou caneta esferográfica de várias cores para realizar seu desenho. O que percebemos foi a forma que como representou a maternidade/mãe.

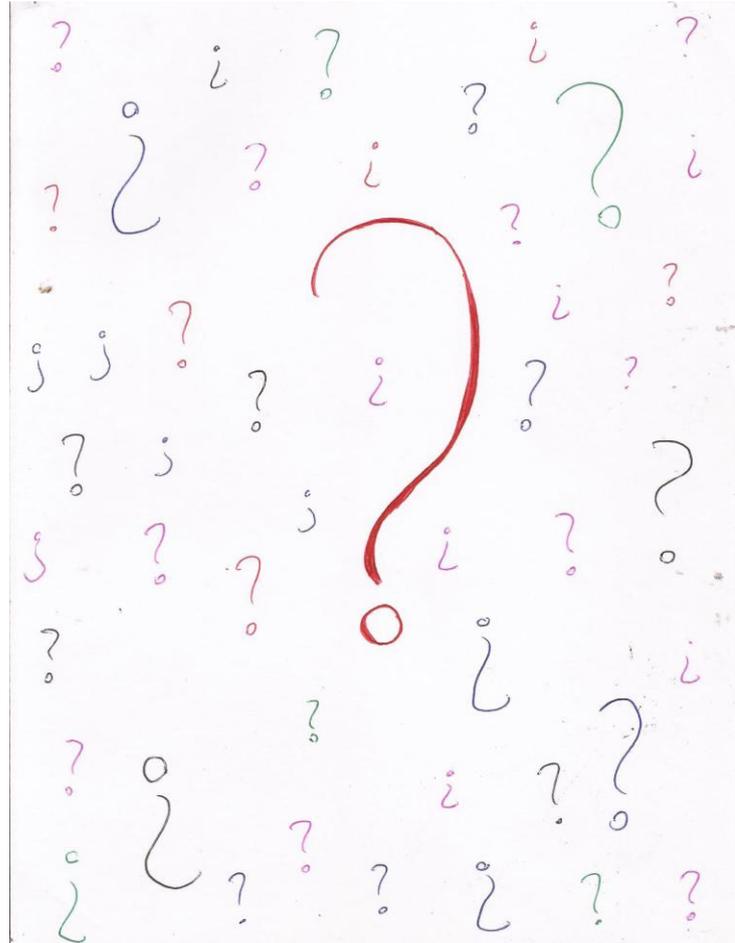


Figura 16 - Aluna C - Pedagogia

A aluna em questão colocou um ponto de interrogação no centro e vários pontos de interrogações e também de ponta cabeça ao redor. No verso do desenho (figura 17) colocou a seguinte frase escrita com caneta de cor vermelha “A Dúvida Etera”. Possivelmente esta interpretação tenha sido realizada desta forma, pois talvez o contexto da vida da aluna o permita. Possivelmente por não ter tido a presença materna da forma que gostaria que fosse.

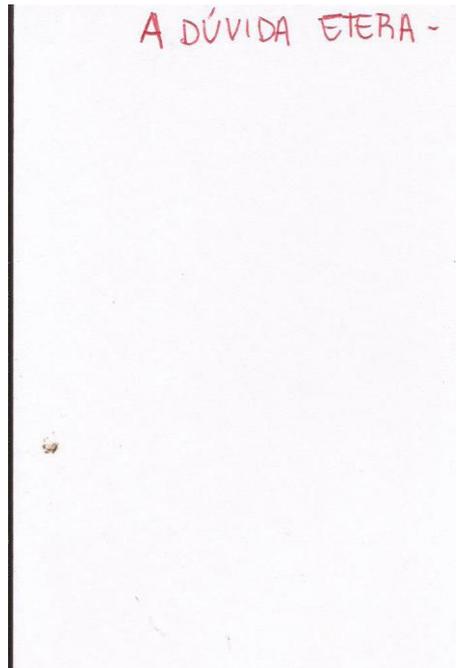


Figura 17 - Aluna C – Pedagogia

Diferente dos demais alunos que registraram a figura da mãe como um ser importante na vida de cada um, a aluna registrou dúvidas com relação a figura materna. Todos representaram a proposta solicitada de uma forma muito pessoal.

No segundo momento acompanhamos os alunos numa visita/passeio pela cidade com a professora da disciplina de Arte Educação, em que puderam observar de perto a paisagem de Vitória, como também, observaram as transformações da Cidade através de maquetes.

No percurso de volta da visita, distribuimos um questionário⁴ com quatro perguntas para os alunos, para sabermos o que acharam, e como veem a possibilidade como futuros professores de levar os alunos para esse tipo de atividade fora da escola.

As respostas não foram muito diferentes, pois todos ficaram encantados com a proposta, e concluíram que essas visitas são importantes para as mediações, ampliando o conteúdo não só imagético, mas podendo trabalhar qualquer contexto dentro de sala de aula. Disseram que “visitar estes espaços com alunos é uma oportunidade para que os alunos não fiquem só na teoria e presos no ambiente de

⁴ Apêndice 2

sala de aula” , “contribui ricamente para a aula e também enriquece nossa cultura”. Desse modo, constatamos que esses futuros professores acreditam na possibilidade de levar seus futuros alunos a visitas pela cidade para conhecer os monumentos e paisagens fim de enriquecer seu repertório cultural.

No terceiro momento, a professora, que abriu o espaço da sua aula para realizarmos nossa proposta, encerrou a disciplina com uma exposição dos trabalhos de pintura produzidos no decorrer do período, retratando a cidade de Vitória, suas paisagens e monumentos, dialogando com nossa proposta, contextualização e mediação. Percebemos que o primeiro momento, da conversa sobre os monumentos, da visita pela cidade e pelos museus, dos diálogos estabelecidos, nos registros imagéticos, conseguiram ampliar um olhar subjetivo para os objetos e para a cidade, observando detalhes ora não observados.

Podemos perceber na imagem 18, que o autor da obra, intitulado como Gisape, representa a terceira ponte a noite, utilizando cores e nuances bem modernas, com um olhar poético sobre a cidade.

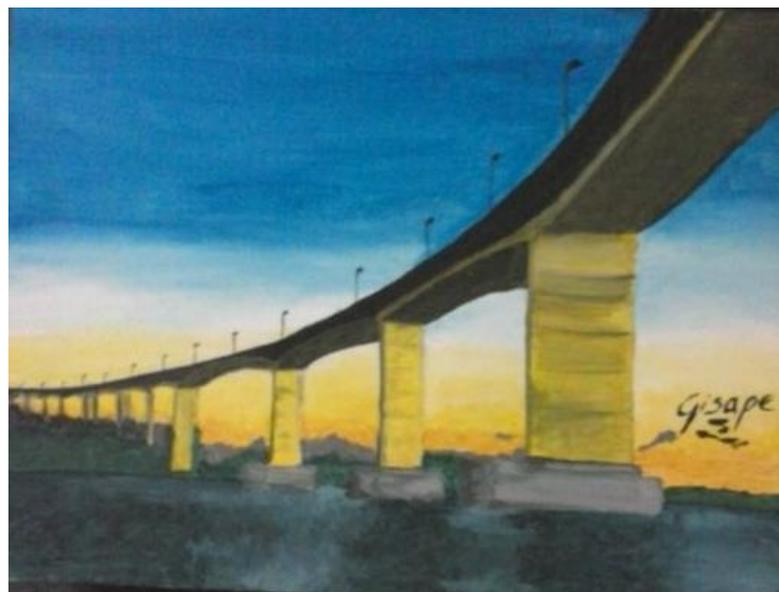


Figura 18 - Terceira ponte (noite)

cedida por Sonia Ferreira - arquivo pessoal

(professora da disciplina Arte Educação)

Os trabalhos apresentados na imagem 19 retratam de forma muito particular o olhar e a forma de ver a cidade de cada aluno, e segundo relatos, “foi uma experiência muito gratificante”.



Figura 19 - Exposição dos trabalhos
cedida por Sonia Ferreira - arquivo pessoal
(professora da disciplina Arte Educação)

Levar os alunos a observar a cidade, remetemos ao que diz Araújo apud Schütz-Foerste; Conti; Ferreira que

pensar a cidade significa não apenas repensar as nossas diferentes práticas sociais e culturais vividas cotidianamente, mas também nos diferentes sujeitos e acontecimentos que atravessaram e continuam a atravessar o espaço social da cidade (2011, p. 9).

Nosso entendimento perpassa pelo que dizem Schütz-Foerste, Conti e Ferreira sobre as ressignificações dos sujeitos em relação ao olhar. Elas discorrem que

[...] se a linguagem é uma particularidade do humano, permitindo ressignificações permanentes dos sujeitos, a linguagem imagética ocupa um lugar muito especial nessa categoria, ampliando nossa capacidade de diálogo e nossa busca pelo olhar familiarizado com nossas referências identitárias. (2011, p. 15)

Percebemos nesses primeiros registros a influência das vivências, dos diálogos com a cidade, e ainda, o que trazem no âmago, sobre o significado da palavra “mãe/maternidade”, transformando-a em imagem.

4.2 Uma aproximação entre alunos do Ensino Fundamental e os monumentos de Vitória

A segunda experiência ocorreu com uma turma do turno vespertino de uma EEEFM em Vitória/ES, com um grupo de 19 alunos do 6º ano (antiga 5ª série) de idade entre 11 e 12 anos.

A pesquisa com este grupo aconteceu em dois momentos. No primeiro momento, mostramos imagens impressas dos monumentos aqui apresentados localizados no Centro de Vitória, os mesmos mostrados para a turma de pedagogia partindo da abordagem triangular sistematizado por Ana Mae Barbosa.

Fizemos um roteiro de perguntas para as imagens apresentadas, perguntado o que viam na imagem, se já viram, se conheciam a história, falar dos detalhes da imagem e que título daria para a obra. Entretanto, a conversa foi fluindo e eles diziam sem perguntarmos.

Ao chegarmos em sala de aula, alguns alunos demonstraram empolgação ao ver que estávamos segurando reproduções de imagens e questionaram o que iriam ver. Após acalmar o grupo, explicamos que mostraríamos algumas imagens e solicitamos que ficassem à vontade para dizer o que estavam observando. Alguns alunos demonstraram desinteresse e ficaram mexendo nos celulares, porém, não atrapalharam os alunos que estavam participando.

A primeira imagem mostrada foi a do Índio (figura 1) muitos queriam falar e aos poucos foram verbalizando o que viram. Grande parte dos alunos descreveram a imagem e também contaram o que sabiam sobre o referido monumento. Teve um aluno que disse que “o índio protegia a Avenida Beira Mar”. A surpresa deles foi saber que este Monumento não se encontrava mais na antiga praça e sim, dentro do

Clube Saldanha da Gama, para preservá-lo de vandalismo. Neste momento, uma aluna perguntou se “eles (o governo) protegiam as estátuas”. Explicamos que o motivo do Índio estar localizado nessas dependências era justamente para protegê-lo.

Mostramos a imagem da Domingas e pedimos para que eles descrevessem o que estavam vendo. As respostas foram “parece um homem”, “é uma mulher feia” “foi uma catadora de lixo e mendiga”, “já vi, fica lá naquela escadaria”. Após, perguntamos se já haviam visto de perto e apenas uma aluna nunca tinha visto. Por fim, descrevemos brevemente a história da personagem.

Posteriormente, foram mostradas as Alegorias e eles ficaram admirados em saber como são cheias de detalhes. Ao serem questionados o significado de Alegorias, um aluno arriscou a dizer que “é alguma coisa de alegria”. Adiante, definimos a citada palavra e uma aluna deu exemplo da Alegoria da Justiça. Mostramos as alegorias, uma a uma, e os alunos diziam de qual estação do ano representava. Ficamos satisfeitos com o retorno que a turma transmitiu, tendo em vista terem pouca idade com bastante informação, entusiasmo e participação.

A conversa com eles fluiu de forma prazerosa e receptiva. Outro episódio que chamou a atenção foi o questionamento de uma aluna ao olhar a imagem depredada do Menino com Delfim (figura 8) e indagou o motivo de estar daquela forma. Salientando que, antes de verem uma imagem mais atual em que está quebrado, foi mostrada a eles uma figura em que tal Monumento estava em perfeito estado.

Por fim, exibimos o Monumento à Mãe, em que a maioria falou a localização e dos que arriscaram em dizer o que era falaram que significava “uma balança”, “um relógio”, “um sol”, “um troço esquisito de ferro, mas legal” e teve um aluno que disse não ter gostado “porque não entendi e era qualquer coisa”. Logo após a leitura de imagens, informamos o que autor da obra quis passar e representar. A maior parte dos alunos ficou buscando na imagem algo que teria semelhança com a maternidade. Depois da explanação, começaram a entender a representação da imagem e ficaram satisfeitos com o que viram, o que antes houve estranhamento,

conseguiram interpretar e compreender, até mesmo o aluno que disse não ter gostado.

O segundo momento ocorreu com o fazer artístico em que foi proposta a atividade de representação através de desenho do significado da maternidade para eles. Alguns alunos não participaram, porém, não atrapalharam a aula, ficando quietos.

Percebemos que a participação na leitura de imagens foi mais empolgante do que o ato de desenhar. Poucos desenharam com interesse e os demais que realizaram o desenho fizeram para “cumprir” a nossa solicitação. Percebemos isso com as expressões onde diziam “Não sei desenhar”, “Não tenho ideia”, “Não tenho mãe, moro com minha avó”, “Que chato”, “Não vou fazer”. Estes comentários geralmente são comuns a esta faixa etária. Segundo Cox (2010, p. 5) “Infelizmente o encanto vai desaparecendo e, lá pelo fim da infância, início da adolescência, a maioria das crianças reluta em desenhar.” Entretanto, dos que participaram nenhum deles fez cópia da imagem do Monumento à Mãe, cada um criou o desenho da sua maneira, utilizando elementos particulares e experiências de sua vida.

Alguns alunos foram mais criativos, porém, a maioria dos participantes, principalmente as meninas, criaram desenhos com frases declarando amor pela mãe e com muitos corações.

Relacionamos dois desenhos que percebemos uma criatividade maior na composição. Citamos o aluno D (figura 20) e o aluno E (figura 21).



Figura 20 - Aluno D – 6º ano

O aluno “D”, em seu registro imagético representa uma mãe que está cansada de chamar seu filho para sair da frente do computador. Disse que muitas mães são assim, pois os filhos só vivem no celular e computador, não querem estudar nem ajudar em casa. No desenho realizado a caneta, o menino representou a mãe dizendo para seu filho “Sai do PC e vai trabalhar vagabundo”, com uma espécie de arma nas mãos apontando para a cabeça de seu filho que está sentado de frente para um computador.

Achamos para um menino de 6º ano um desenho muito carregado de violência física e verbal, entretanto, foi uma visão subjetiva do conceito de mãe para ele. O contexto familiar, muitas vezes carregado de violência ou sem diálogos, acaba por

ser externalizado pela criança ou adolescente nos seus modos de desenhar. Poderia ser uma criança que tem contato diário com arma, ou a arma foi uma representação de poder que a mãe exerce sobre ele, já que algumas vezes o diálogo não resolve.

Deixamos aqui em aberto interpretações sobre essa imagem, contudo, entendendo que essa transição entre a infância e adolescência é pautada entre os questionamentos, a transgressão das regras. Muitas vezes os pais ficam atados e entram em atrito com o jovem por não saber conduzir diálogos, apenas o uso da violência como forma de coibir e fazer valer sua autoridade.

O aluno “E” criou o desenho a lápis representando uma mãe ajoelhada, aparentemente brincando com seu filho bebê com brinquedos ao redor como blocos, carrinhos e um boneco. O bebê segura um chocalho na mão esquerda e outro brinquedo na mão direita. Ao fundo desta cena, ele desenhou um relógio marcando 06h15min. Além do desenho o menino usou palavras em inglês para nomear alguns elementos da cena.



Figura 21 – Aluno E – 6º ano

Monta uma cena em que os personagens estão representados em tamanho desproporcional. A mãe praticamente está do tamanho do bebê, e os amigos

("friends"- numa tentativa de dizer amigos em inglês) representados por um boneco em tamanho menor.

Na cena, a mãe que brinca com o bebê, parece estar indo segurá-lo, que parece estar um pouco desequilibrado, podendo cair a qualquer momento, possivelmente aprendendo a andar. Como elemento visual da composição, podemos dizer que há uma instabilidade na cena entre o bebê a mãe. Segundo Dondis "[...] a instabilidade é a ausência de equilíbrio e uma formulação visual extremamente inquietante e provocadora" (2003, p.141). A importância da mãe nesse caso passa a ser a proteção ao filho, o medo dele cair.

As personagens trazem características bem marcadas. Podemos ver o o bebê com uma chupeta na boca, os olhos com a parte interna sem cor, e a menina dos olhos com pequenos traços sem cor dando volume e direcionando o olhar. O ponto de luz na parte escura do olho é uma tentativa de representação do real. O olha da mãe já não tem essa característica, porém tenta fazer o desenho do rosto, de forma que o olho acompanha a posição lateral da cabeça. As mãos estão representadas com 5 dedos, assim como os pés, mesmo que desproporcionais, ele tenta representar o real. Segundo Cox (2010, p.5) "Suas tentativas são muitas vezes meticulosas e elaboradas, evidenciando grande uso de régua e borracha." Percebe-se esta característica neste desenho que por baixo do desenho da mãe e do bebê, tentou fazer os traços, que mal apagados ainda permanecem resquícios, mas que demonstra que fez e refez para chegar a um resultado satisfatório para ele.

De acordo com Cox a forma de desenhar destes dois últimos alunos é característica desta idade

O esboço do contorno da figura inteira, ou de partes principais dela, é característicos de crianças mais velhas (...). A razão disso é que a criança mais velha constroi não simplesmente uma lista mental das partes a serem desenhadas, mas vários inter-relacionamentos das partes. (2010, p. 61).

Ainda segundo Cox (2010, p.42) as crianças mais velhas e os adultos tendem a desenhar uma representação bem simples de um objeto; uma figura humana com o uso de palitinhos, como observamos no desenho do aluno D. O que percebemos

nestas representações foi que os alunos tentaram obter um realismo com formas simples.

Um dos desenhos realizados utilizando corações e declarações para a mãe foi a da aluna F. Ela desenhou a lápis dois corações transpassados por uma flecha e dentro desenhou duas pessoas, ela e a mãe. Além disso, descreveu o significado da mãe para ela declarando seu amor. Aparentemente a aluna tem um bom relacionamento com a mãe.

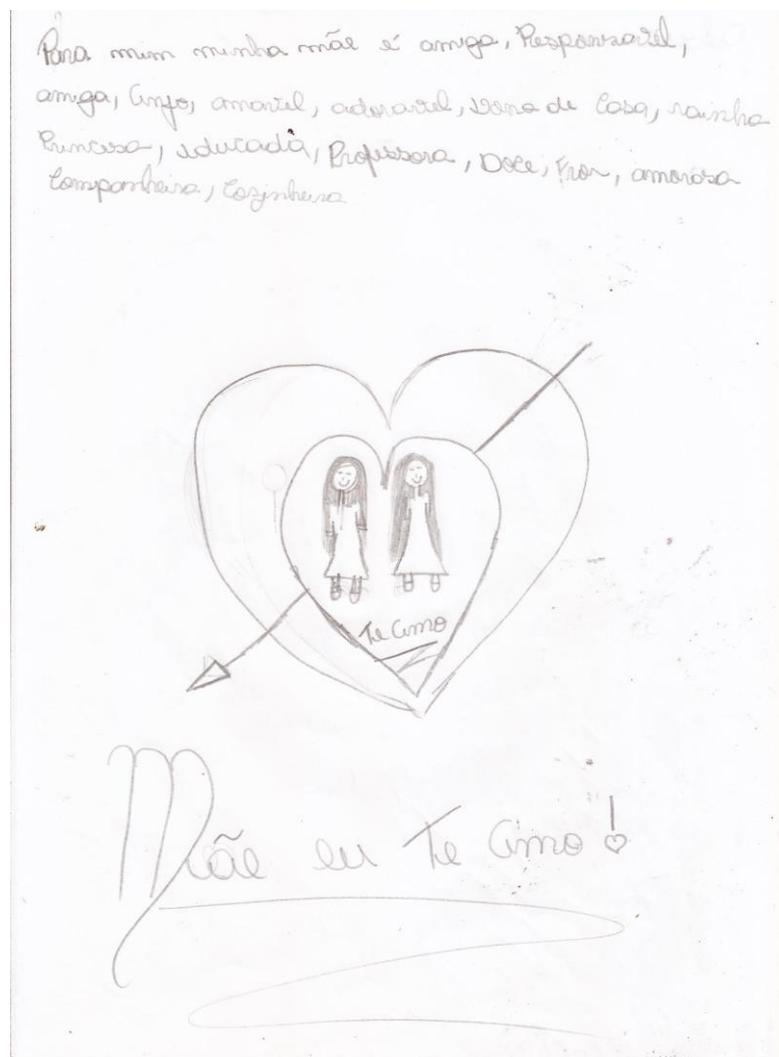


Figura 22 - Aluna F – 6º ano

Na figura 22, a aluna F desenha duas imagens dentro do coração representando duas figuras femininas. Como citando anteriormente, entendemos ser ela e a mãe, podemos perceber também que seu registro traz duas imagens quase simétricas.

Cabelos longos, de vestido, braços escondidos. A forma como a aluna F desenha se difere do desenho do aluno E, que demonstra ter mais domínio em desenhar.

Lowenfeld defende a importância da criança usar a arte como meio de se expressar, ou seja, a criança desenha o que sente e pensa (Pillar 2012, p. 45) Outro autor que afirma a importância da autoexpressão e condena a interferência do adulto nos desenhos realizados pelas crianças é Cox, que diz

[...] além de oferecer oportunidade de autoexpressão as artes plásticas são consideradas um importante meio para o desenvolvimento criativo das crianças. Assim como no caso da autoexpressão, acredita-se que também a criatividade possa ser sufocada se os adultos interferirem na produção natural e espontânea da criança. (2010, p. 7).

Diante da colocação, devemos deixar a criança livre para criar, inventar, expressar e colocar suas ideias no papel sem que haja nenhuma intervenção e que o ato de criação não seja influenciado por outros, porém que haja criticidade diante da criação, não fazer por fazer. Neste sentido o fazer artístico, um dos eixos da abordagem triangular, torna-se uma aprendizagem significativa para as crianças.

4.3 Um breve comparativo entre os olhares dos sujeitos: alunos de Pedagogia e do Ensino Fundamental II.

Ao remetermos as experiências vividas nesse trabalho, tivemos muito prazer em realizá-la, por se tratar de uma prática que envolve a arte, levando em conta o olhar subjetivo de cada ser, tendo como referência a cidade em que vivemos.

Buscamos a leitura de imagens, por se tratar um dos eixos utilizados por Ana Mae Barbosa, que sugere uma prática reflexiva, dando a oportunidade de levar os alunos a observar os detalhes ora nunca vistos. A pressa do dia a dia, as vezes não nos deixa parar para contemplar a paisagem. E nossa cidade tem muitos cantos e encantos que podemos explorar na aula de artes.

Sobre os cantos e encantos pela cidade, podemos comparar ao que diz LOPES sobre as esculturas em espaços públicos, remetendo ao objetos escolhidos nesse

trabalho. Ela diz que

[...] embora o hábito de inserir esculturas em espaços públicos remonte à antiguidade, nas cidades modernas, a instalação de peças escultóricas de artistas e tendências estéticas e experiências diferenciadas, aumentou consideravelmente em ruas e praças, enquanto locais propiciadores das interações sociais e culturais, o que favorecia a formação do olhar sensível, do senso crítico e consciência cívica. Observar atentamente, interrogar sobre a lógica construtiva, técnica e narrativa do momento, constituía-se em uma nova maneira de estruturar pensamentos, contemplar, refletir sobre eventos e personagens históricos, dialogar com eles, instigá-los, formular hipóteses, ideias e conceitos.(2011, p. 34)

Nesse sentido, a partir dos dois grupos escolhidos, percebemos que o primeiro (alunos de Pedagogia) não tinha uma formação prévia sobre os monumentos que estão espalhados na cidade. Alguns já haviam visto, mas não perceberam ao certo o que eram. Outros não haviam visto, tendo em vista que moravam no estado há pouco tempo como uma estudante relatou “Estou no estado apenas 1 ano, por esse motivo não conheço a história. Venho do Rio de Janeiro, na qual conheço a história e memória do meu estado”⁵.

Algumas imagens como a da Praça Getúlio Vargas, já conheciam, pois é uma escultura do Presidente Getúlio Vargas, que dá nome à praça. Mas, as apresentadas na contextualização, a maioria não sabia da existência, apesar de estarem presentes pela cidade há muito tempo. Ao ser questionado aos alunos de pedagogia se já tinham visto alguma das imagens, uma aluna disse: “Posso dizer que não, pois só tinha visto e não observado”, ou seja, nunca observou os detalhes da obra, apesar de já ter visto de perto⁶.

Os registros realizados por eles trazem um amadurecimento nos traços, de alguns alunos, mesmo não tendo como domínio a técnica do desenho. O que ficou impregnado foram as experiências vividas, tanto do que foi dito e visto, quanto das suas experiências pessoais de vida. Os sentimentos, a expressão foram transformados em linhas até surgir o desenho.

Diferente da turma dos alunos de pedagogia, a turma do 6º ano do ensino fundamental nos surpreendeu quanto ao conhecimento prévio dos monumentos

⁵ Diário da pesquisadora.

⁶ Diário da pesquisadora.

apresentados. Dos alunos que participaram, todos conheciam um ou mais monumentos e sabiam um pouco da sua história.

Quanto aos desenhos, apesar de dizerem que não sabiam desenhar realizaram os desenhos, porém ficaram mais entusiasmados ao falar das imagens do que criar o desenho.

Percebemos que os alunos de Pedagogia interpretaram a imagem do monumento a seus modos. A representação da maternidade talvez esteja mais evidente por se tratar de pessoas mais experientes, entre 18 a 50 anos. Algumas alunas já são mães, e esse olhar para a obra despertou nelas esse sentimento não só de filha, mas de como ser mãe ou o que representa, e outros, a própria relação entre mãe e filha como a aluna que registrou as interrogações. E para os alunos menores, do 6º ano, foram registrados os olhares de filhos, além da interpretação da obra contida na cidade. Observamos que o desenho pode revelar vários aspectos como emocionais, mentais e culturais de quem realizou o desenho.

A leitura de imagem da cidade nessas práticas nos faz refletir o que Ana Mae Barbosa diz

Não apoio o “deixar fazer” que caracterizou o modernismo da arte-educação, mas busco uma abordagem que torne a arte não só um instrumento do desenvolvimento das crianças, mas principalmente um componente de sua herança cultural. Para isso, precisamos da apreciação, da história e do fazer artístico associados desde os primeiros anos do ensino fundamental. (Barbosa, 1991, p.3)

A nossa proposta inicialmente era não dar dicas, apenas apresentar a imagem para que os alunos fizessem o reconhecimento. A intenção era saber se eles tinham tido contato com algum desses monumentos, e qual a interpretação dada, levando em conta as suas experiências.

Ater-nos a abordagem triangular como forma de mediação em sala de aula, não quer dizer que sempre será assim, podemos utilizar como meio, e buscar novas formas de trabalhar a imagem. Barbosa (2010) sugere não usar a metodologia triangular debaixo do braço como um guia a ser seguido, mas como um parâmetro,

para ajudar o professor em algum momento. Concordamos com ela, pois cada turma tem uma característica, e os sujeitos são diferentes. O que aplico e como aplico para um grupo, pode não servir para o outro. O importante é fazer um diagnóstico da turma, os interesses dela, e partindo disso, usar o método ou a forma de trabalhar que se adéque melhor.

Nesse caso, utilizamos a abordagem triangular, vindo em primeiro lugar a leitura e a interpretação do aluno, depois contextualizamos, para seguirmos o fazer artístico. Percebemos que por serem dois grupos de idades bem diferentes, o primeiro, constituídos por adultos traz certas características que o segundo não traz, que são as experiências vividas. Mas, percebemos também que a criança está mais atenta ou aberta para olhar a cidade. A partir da leitura dos monumentos ou reconhecimento deles, essas crianças tiveram a oportunidade de falar sobre elas com mais desenvoltura por terem visto em algum momento algum deles. Possivelmente pela maioria morar em Vitória, e por vezes ter que passar por entre as paisagens contidas na cidade.

A turma de Pedagogia é composta por alunos de vários lugares, alguns de outros estados, moradores de outros municípios como Fundão, Vila Velha, e que não estão acostumados a passear pela Cidade de Vitória. Por isso, entendemos que não tiveram as mesmas experiências visuais que as crianças, e o reconhecimento destes monumentos para muitos deles foram feitos durante a visita/passeio pela cidade, ou pela contextualização na sala de aula, na aplicação deste projeto. E é também através da arte que damos possibilidades destes alunos a conhecerem as obras contidas em nossa cidade. De acordo com Barbosa

Através da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação para aprender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a capacidade criadora de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (2010, p.190).

E assim, todo esse processo de mediação tanto com uma turma e outra, nos fez entender o quanto é importante ampliar os conceitos em arte nos alunos, fazendo com que eles possam dialogar com o professor, colocando seu modo de olhar e pensar.

Ter apresentado a cidade em que vivemos por um outro ângulo foi muito prazeroso, sabendo que muitos deles olharão para a cidade de uma forma diferenciada, reconhecendo detalhes ora não observados. E é justamente esta a função da arte na escola, formar pessoas desenvolvidas culturalmente através da arte. Concordamos com Barbosa (2009, p.32) quando diz que existe uma seleção de sujeitos para apreciar a arte, tendo uma pequena parte da população tem acesso à museus e outras manifestações artísticas. De acordo com a autora “O que a arte na escola principalmente pretende é formar o conhecedor, fruidor, decodificador da obra de arte” e é apresentando a nossa cidade que pretendemos aguçar o interesse em conhecer mais os monumentos artísticos de nossa cidade.

[...] sem o conhecimento de arte e história não é possível a consciência de identidade nacional. A escola seria o lugar em que se poderia exercer o princípio democrático de acesso à informação e formação estética de todas as classes sociais propiciando-se, na multiculturalidade brasileira uma aproximação de códigos culturais de diferentes grupos. (BARBOSA, p. 33)

E levando nossos alunos a conhecer nossa cidade proporcionarmos a aproximação da arte e conhecimento da história e assim despertamos o interesse pela mesma e também pela cultura da nossa cidade.

Na tentativa de responder nosso questionamento inicial, de “como os alunos da Pedagogia e do fundamental apreendem a história e memória dos monumentos da Cidade de Vitória, a partir de leitura de imagens”, podemos dizer que cada um dos sujeitos envolvidos tiveram suas impressões e fizeram uma leitura pessoal. O que acrescentou nesse reconhecimento (entendemos que depois da apresentação das imagens e leituras) poderemos contextualizar a partir dos autores das obras e de uma leitura prévia feita por nós fundamentada.

Acreditamos que esse conjunto, em que todos puderam trocar experiências, cada um interpretar a seu modo as obras, dando a liberdade de dialogarem, é um processo de ensino-aprendizagem que torna a aula de artes mais prazerosa. Ampliando ainda a possibilidade de dar aulas de campo, além dos muros da escola, torna a experiência ainda mais significativa para todos.

Assim, deixamos livres os alunos para colocarem as impressões do que vieram. Não interferindo no pensar apenas complementando através da contextualização histórica da obra. Paulo Freire (1996) diz que “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção”. Foi o que fizemos, deixamos os alunos participantes desta pesquisa abertos para o diálogo, interpretação, criticidade, não apenas transmitimos conteúdos, trocamos experiências e construímos juntos os conhecimentos.

5 CONCLUSÃO

As leituras feitas para fundamentação do trabalho nos ajudaram a compreender sobre leitura de imagens, conhecendo um pouco mais sobre Vitória e as imagens que compõem a sua paisagem, bem como o contato com alunos da Pedagogia, que nos permitiram coletar dados e ampliar ainda o nosso conhecimento, e da turma de ensino fundamental, que nos surpreendeu com o conhecimento demonstrado.

A pesquisa iniciou-se com uma ideia, e aos poucos fomos ajustando conforme fomos fazendo a leitura e aplicando o que queríamos coletar de dados para compor a discussão ora levantada, que era *Como os alunos da Pedagogia e do fundamental apreendem a história e memória dos monumentos da Cidade de Vitória, a partir de leitura de imagens.*

Tentamos responder algumas delas e podemos supor a partir da primeira experiência que os alunos da Pedagogia, que estavam no primeiro período, ainda estão presos ao que aprenderam no ensino médio, tudo é novo. Percebemos isso pelo encantamento da leitura de imagens da cidade. Nesse grupo tinha até um professor de Literatura, que ainda não conhecia alguns dos monumentos mostrados. A conversa com eles foi muito interessante e nos mostrou importância de valorizar a cidade em que vivemos.

A oportunidade que tivemos com a turma de Pedagogia foi bastante válida, pois pudemos comparar os olhares com os alunos de ensino fundamental e percebemos o grande desconhecimento dos alunos de Pedagogia pela origem dos monumentos presentes no Centro de Vitória, mesmo os que moram no estado. Por serem sujeitos adultos, acreditávamos que teriam mais conhecimentos das imagens apresentadas do que os alunos do ensino fundamental.

A experiência com os alunos do 6º ano do EF foi muito importante, pois eles estabeleceram relações entre as imagens observadas e o dia a dia. No momento da apreciação, teve um aluno que contou do dia em que viu a escultura do Índio de perto com um familiar que o acompanhava, mostrando certa empolgação e contou o que conhecia da história.

A preocupação de se preservar as obras foi um questionamento muito bom, principalmente por ser tratar de crianças que ainda estão no início do processo de formação. Além de que esta faixa etária percebe mais as imagens espalhadas por nossa cidade do que os adultos e também, demonstraram interesse em conhecer a história de cada imagem dos monumentos mostrados.

Diante disso, vimos o quanto é importante a contextualização histórica, a formação docente, o professor estar fundamentado para aplicar suas aulas, e ainda mais, sair da escola, quando possível, torna-se um recurso a mais, deixando a aula mais encantadora e estimulante, não ficando presa às paredes do ambiente escolar. O aprendizado é muito maior que essas paredes.

Acreditamos que esse trabalho é só o começo de muitas discussões que ainda podem ser levantadas e estudadas posteriormente. A cidade tem muitos elementos que ainda não foram levantados, e nossa intenção de conhecê-los não se esgota aqui, pois pretendemos ter a cidade como objeto de estudo.

REFERÊNCIAS

ARSLAN, Luciana Mourão; IAVELBERG, Rosa. **Ensino de arte**. São Paulo: Cengage Learning, 2006.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Barbosa. **Arte e educação contemporânea: consonâncias internacionais** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 3. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2007.

_____. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Barbosa. CUNHA, Fernanda Pereira (Org.). **A Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. 1.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. COUTINHO, Rejane Galvão (Org.). **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo, SP: UNESP, 2009

CELANTE, Ciliane; CIRILLO, José. **Função e Fruição – Novas Interfaces do Monumento Público Contemporâneo**. Disponível em <<http://artepublicacapixaba.com.br/?p=194>>. Acesso em 08. Fev. 2015.

COX, Maureen. **Desenho da Criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

CHOAY, Françoise. **Monumento e monumento histórico**. In: A alegoria do patrimônio. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2001. Disponível em <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&id=Im-D_mGVBTEC&q=monere#v=snippet&q=monere&f=false> Acesso em 25. Jan. 2015.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Esculturas da Escadaria do Palácio Anchieta serão restauradas. Disponível em <http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2014/04/noticias/cidades/1481177-esculturas-da-escadaria-do-palacio-anchieta-serao-restauradas.html>. Acesso em 08. Fev. 2015.

FARIA, Willis de. **Catálogo dos monumentos históricos e culturais da Capital**, Vitória-ES: dados biográficos. -. [Vitória, ES?]: Prefeitura Municipal, 1992.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. - Porto Alegre: Bookman, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LOPES, Almerinda. **O monumento público ao herói: significado estético e memória em um estudo de caso**. In: Seminário Internacional sobre arte publico. 1, 2009, Buenos Aires.

Massaund, MOISES. **Dicionário de termos literários**. 3.ed. – São Paulo: Cultrix, 1982.

PILLAR, Analice Dutra. **A educação do olhar: no ensino das artes**. 3. ed. - Porto Alegre, Mediação, 2003.

_____. **Desenho e escrita como sistema de representação**. Porto Alegre: Penso, 2012.

PIROLO, A. C. I. S. **A informação artística**. Rev. Dig. Bibl. Ci. Inf., Campinas, v.9, n.1, p.1-35, jul./dez. 2011.

PROCÓPIO, Gislaine Zanon Ferreira. **Arte em espaços públicos de Vitória.** 2010. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes

SCHÜTZ-FOERST, Gerda Margit et al. **Relendo imagens, atribuindo significados: as cidades que devem ser esquecidas.** Vitória: GM gráfica e editora, 2011.

Monumentos Capixabas. Disponível em <http://monumentoscapixabas.com.br/monumentos-por-nome/>. Acesso em 03. Out.2014.

UCHOA, Marcelo O. **A Missão Artística Francesa.** Disponível em <http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=963>. Acesso em 15.dez.2014.

APÊNDICE 1 - Questionário Sobre Monumentos e Paisagens

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS, CULTURA E EDUCAÇÃO

Este questionário faz parte da pesquisa de graduação (TG), como forma de conhecimento sobre monumentos e paisagens de Vitória, revelando a história e memória. Com isso, autorizo o uso deste em trabalho acadêmico, corroborando nas análises e ampliação das práticas educativas em sala de aula tanto em Artes quanto em outras disciplinas.

Aluna responsável: Neli Aparecida Mattos de Souza Moura

Nome do participante:
Identidade::

- 1) A partir das imagens apresentadas, o que sentiu ao ver como era a cidade de Vitória no passado?
- 2) Conhecia essas imagens fotográficas?
- 3) Participou de algumas mudanças da paisagem de Vitória?
- 4) Quanto aos monumentos que estão dispostos pela cidade, sabiam de sua existência?
- 5) Já conheciam alguns deles ou todos? Quais?
- 6) Caso já conhecia, sabiam da história destes?
- 7) Qual a leitura que faz das imagens da cidade, no passado comparando com os dias atuais?
- 8) Quanto à preservação dessas obras, o que sugere, enquanto futuros professores para que essas se mantenham intactas?
- 9) O que acham que podemos fazer como professores para manter a história e memória da cidade, a partir dos nossos alunos? Que ações e metodologias sugerem para que isso aconteça?

Data:
Assinatura:

APÊNDICE 2 - Questionário Sobre Visita

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS, CULTURA E EDUCAÇÃO

Este questionário faz parte da pesquisa de graduação (TG), como forma de conhecimento sobre monumentos e paisagens de Vitória, revelando a história e memória. Com isso, autorizo o uso deste em trabalho acadêmico, corroborando nas análises e ampliação das práticas educativas em sala de aula tanto em Artes quanto em outras disciplinas.

Aluna responsável: Neli Aparecida Mattos de Souza Moura

Nome do participante:
Identidade::

1) O que acha das possibilidades de se sair da escola para visitas monitoradas?

2) Como aplicaria em sala de aula no pós-visita?

3) Você acha possível levar qualquer aluno para visitas desse porte ou somente para os maiores? Justifique?

4) O que achou dessas experiências?

Data:
Assinatura:

APÊNDICE 3 – Planejamento de Aula

Planejamento de aula: leitura de imagens

1 Introdução: Vivemos cercados de imagens que geralmente passam despercebidas pelo nosso olhar ou, às vezes, estamos tão acostumados em observar certas, que sequer entendemos o significado tampouco conhecemos sua história. A iniciativa deste plano é aproximar os alunos através da leitura de imagem dos monumentos localizados na cidade de Vitória bem como a paisagem a qual estes estão localizados.

2 Público Alvo: Ensino Fundamental II

3 Tema: Monumentos históricos de Vitória.

4 Título: Conhecendo nossa cidade através de imagens

5 Carga Horária: 2 aulas de 55 minutos

6 Materiais Utilizados: Projetor, reprodução impressa de imagens de alguns monumentos da cidade de Vitória, lápis de cor, papel A4, giz de cera, hidrocor e caneta esferográfica

7 Objetivos Gerais: Aproximar alguns monumentos de Vitória, apresentar o contexto de cada um, mostrar a importância dos mesmos e aguçar a conhecer outros monumentos.

8 Objetivos Específicos: Espera-se que ao término dos encontros os alunos sejam capazes de reconhecer e entenderem a importância que os monumentos possuem na paisagem de Vitória, além de despertar o interesse pela história através das imagens que os cercam além do interesse em conhecer outros monumentos.

9 Justificativa: Somos cercados por muitas obras em nossa cidade, porém, muitas pessoas não sabem o significado que estas possuem. Apresentar imagens de monumentos da nossa cidade em sala de aula pode ser uma forma de aproximar os alunos à história de alguns destes presentes em nossa capital. Assim, acreditamos que a leitura de imagem pode ser um caminho de vermos e analisarmos as imagens, dentro de um contexto.

10 Metodologia ou Percurso Metodológico: 2 encontros de 50 min.

1º encontro: Mostrar imagens de alguns monumentos localizados em Vitória como: O Índio, Monumento, Domingas, Alegorias e fontes localizadas na escadaria Bárbara Lindemberg, Monumento à Mãe.. Nesta aula o objetivo é motivar uma apreciação da obra. Questionar aos alunos a respeito do que veem e após os comentários da turma, concluir com informações das imagens projetadas ou impressas.

2º encontro: Reforçar o conteúdo mostrado anteriormente e sugerir que criem a partir da imagem do Monumento à mãe, um desenho ou pintura que significasse para eles a figura da mãe.

Após, sugerir que cada um fale do seu trabalho

12 Avaliação: Participação e integração levando em conta seu desempenho pessoal.